**Movimentos Nativistas**

A partir de meados do século XVII, um conjunto de movimentos nativistas políticos exprimiu a repulsa dos colonos aos abusos do colonialismo português, endurecido depois da Restauração.

Esses movimentos, denominados **nativistas**, podem ser caracterizados pela não contestação ao domínio português como um todo e sim por rebeldias ou conflitos regionais contra aspectos isolados do colonialismo, principalmente após 1640, quando a “relativa harmonia” entre interesses da aristocracia rural local e os da Metrópole foram-se rompendo, na medida em que se intensificava a exploração colonial portuguesa.

A Insurreição Pernambucana (1645-54) contribuiu para o advento desses movimentos, visto que durante a sua ocorrência registrou-se a divergência entre os interesses dos colonos e os objetivos pretendidos pela Metrópole. Daí estarem os movimentos nativistas menos relacionados com um ideal emancipacionista, ligando-se mais a um sentimento de defesa de interesses locais ou regionais.

**Um Rei de São Paulo?**

Em abril de 1641, Amador Bueno da Ribeira foi aclamado **Rei de São Paulo**. Essa aclamação, entretanto, resultou da divergência entre clãs locais (Garcia-Pires, portugueses, e Camargos, espanhóis), diante da notícia da Restauração em Portugal.

Este fato fora interpretado como uma ameaça aos interesses espanhóis na região. Mais tarde, evidenciou-se a tensão entre jesuítas e bandeirantes, devido à escravidão indígena, ocorrendo então um movimento que se denominou a **Botada dos Padres para Fora**, por parte dos colonos paulistas. Este episódio repetir-se-ia em 1661, no Pará, e em 1684, no Maranhão.

**A revolta contra os governadores**

No Rio de Janeiro, entre 1660 e 1661, ocorreu um movimento nativista devida à forte política fiscalista aplicada pelo governador português Salvador Correia de Sá e Benevides. Seu líder foi Jerônimo Barbalho, que, após ter deposto o governador devido à decretação dos novos tributos, foi preso e executado.

Na **Revolta de “Nosso Pai”**, em Pernambuco (1664-65), também houve a rebelião local contra o governador português Jerônimo de Mendonça Furtado, alcunhado “Xumbrega”, acusado de corrupção e de ser conivente com os franceses. Na realidade, nesse acontecimento já havia indícios da rivalidade entre Olinda e Recife.

**O Bequimão**

Na **Revolta de Beckman** ou **Bequimão**, movimento nativista ocorrido no Maranhão, em 1684, mais uma vez evidenciou-se a divergência de interesses entre colonos locais, representados pelos irmãos Manuel e Tomás Beckman e a Companhia Geral de Comércio do Estado do Maranhão, que possuía o monopólio do comércio e de introdução de escravos africanos.

A rebelião ocorreu contra os abusos da Companhia de Comércio, que não cumpriu os acordos feitos com os colonos, e contra a Companhia de Jesus, que se opunha à escravidão indígena.

Saiba mais em: Revolta de Beckman

**A Guerra dos Emboabas**

Outro movimento nativista foi a Guerra dos Emboabas, ocorrida em Minas Gerais (1708-09), resultante da rivalidade entre os paulistas e os **“emboabas”** – forasteiros, principalmente portugueses, que acabavam sendo protegidos pelos órgãos do governo colonial, com o monopólio de diversos ramos comerciais.

O movimento eclodiu devido a uma série de incidentes, nos quais sempre havia de um lado os paulistas e do outro os emboabas.

Saiba mais em: Guerra dos Emboabas.

**A Revolta de Vila Rica**

Em 1720, novamente na região de Minas Gerais, em Vila Rica, ocorreu a revolta de **Felipe dos Santos**, um dos movimentos nativistas em que mais uma vez encontramos a rebelião contra os abusos do fiscalismo português, caracterizados pela elevação dos impostos decretada pelo governador, conde de Assumar.

Os mineradores revoltados reivindicavam a redução dos impostos, abolição dos monopólios exercidos pelos portugueses e a extinção das Casas de Fundição.

Saiba mais em: Revolta de Vila Rica.

**Guerra dos Mascates**

Um dos mais famosos movimentos nativistas foi a Guerra dos Mascates (1710-12), em Pernambuco, motivada pela forte rivalidade entre os senhores-de-engenho de Olinda e os comerciantes portugueses de Recife, apelidados de **mascates**, e que contavam com o apoio do governador Sebastião de Castro Caldas.

O conflito irrompeu quando Recife foi elevado à categoria de vila, o que favorecia o grupo português. Ao terminar o movimento, em 1712, Recife passava a ser cidade e capital de Pernambuco, o que acentuou ainda mais a rivalidade da aristocracia pernambucana contra os portugueses.

Neste movimento, como nos demais, deve ser percebido o seu sentido não-emancipacionista e a inexistência de interesses que visassem ultrapassar os limites locais ou regionais.